UMA CRÍTICA FILOSÓFICA À CRISTANDADE, SEGUNDO KIERKEGAARD

A philosophical critique of christianity, according to Kierkegaard

Adenilton Moisés da Silva¹

RESUMO

Este trabalho é uma abordagem que busca analisar em algumas obras de Kierkegaard sua crítica a respeito da noção de Deus, sobretudo, a partir do cristianismo luterano de sua época. Religião esta profundamente marcada por um discurso idealista, com conceitos abstratos, de influências vindas do pensamento hegeliano. Busca-se, com este artigo, apresentar a impossibilidade, segundo Kierkegaard, de conceituar Deus através categorias objetivas ou dos dogmatismos religiosos. Apresentar-se-á Deus como sendo o Desconhecido, o Absoluto, o Paradoxo. Definições usadas para não definir nada de fato, apenas com o intuito de mostrar os limites do racionalismo; postulando que Deus pode ser conhecido mediante um vislumbamento da fé. O conhecer Deus é um pressuposto da fé, afirmando as limitações de uma ciência objetivista, ao mesmo tempo, recusando os dogmas religiosos, as trincheiras institucionais, narrando a incapacidade de abarcar a realidade de Deus. Diante disso, abre-se a possibilidade de romper com o Deus elaborado pelos discursos das instituições religiosas, na perspectiva de construir uma relação mais subjetiva entre “Eu e Deus”.

Palavras-chave: Deus. Cristianismo. Desconhecido. Religião. Dogmas.

ABSTRACT

This work is an approach that seeks to analyze, in some works by Kierkegaard, his criticism of the notion of God, especially from the Lutheran Christianity of his time. Religion is deeply marked by an idealistic discourse, with abstract concepts, of influences from Hegelian thought. This article seeks to present the impossibility, according to Kierkegaard, of conceptualizing God through objective categories or religious dogmatisms. God will appear as the Unknown, the Absolute, the Paradox. Definitions used to define nothing at all, just to show the limits of rationalism; postulating that God can be known through a glimpse of faith. Knowing God is an assumption of faith, affirming the limitations of an objectivist science, at the same time, refusing religious dogmas, institutional trenches, narrating the inability to embrace the reality of God. In view of this, the possibility opens up to

¹ Universidade Católica de Pernambuco.

E-mail: adenilton.silva80@gmail.com. ORCID: [0000-0002-2783-2857](https://orcid.org/0000-0002-2783-2857).

break with the God elaborated by the speeches of the religious institutions, in the perspective of building a more subjective relationship between “I and God”.

Keywords: God. Christianity. Unknown. Religion. Dogmas.

Introdução

Este artigo se propõe a investigar a questão de Deus no pensamento kierkegaardiano. Por ser de raiz cristã luterana, questionando a perspectiva da época vigente, que fazia do cristianismo um discurso abstrato, contrariando a experiência religiosa como uma comunicação existencial, tornando-o um mero aglomerado de palavras abstratas, Kierkegaard, apresentará Deus como um Paradoxo, incompreensível aos desejos da razão. Desejos esses fundamentados num discurso científico da modernidade pretendido por muitos pensadores pertencentes ao idealismo alemão. Todavia, Deus é uma relação dada na fé, na qual o sujeito, consciente da sua subjetividade descobre a sua comunicação com o Absoluto nos pressupostos da fé. Nesse contexto, a subjetividade da fé aparece como um caminho indispensável para se alcançar a verdade sobre Deus.

Como lidar com a consciência da sua subjetividade na formação de si enquanto indivíduo é outro problema inerente ao pensamento kierkegaardiano; a consciência da existência na subjetividade pelo indivíduo é o que possibilita a decisão na fé pela paixão paradoxal de conhecer quem é Deus. À medida que se avança no entendimento da análise sobre a formação da subjetividade humana, percebe-se o pressuposto da relação com Deus pelo dado da fé. Nesse momento, o homem como ser inserido no mudo, carece aprofundar o seu eu, decidir por si, assumir a responsabilidade dos seus atos, que examinando a si mesmo torne-se capaz de questionar as instituições que o amordaçam. Mais do que um questionamento à autoridade eclesial, é reconhecer que Deus está para além das normas institucionais.

Nota-se em Kierkegaard a ânsia de tirar do contexto teológico-filosófico racional o cristianismo. Ele constata que o cristianismo luterano não é o mesmo do Cristianismo do Novo Testamento. Essa religião, apontada por Kierkegaard, não pode ser vivida a partir dos postulados racionais dos seus intelectuais, muito menos, das normas estatais da Igreja Luterana. Para assu-

mir o caráter de decisão na fé, o autor utiliza-se do conceito “homem crístico”, com isso recusa a ideia de “homem intelectual”, abandonando os paradigmas da ciência e os conceitos da metafísica institucional como pressupostos para o conhecimento de Deus. Tirar o cristianismo dessa inserção contextual será a tarefa paradoxal apaixonada desse autor. O seu problema é demonstrar os erros dos que se dizem cristãos ao tratarem de Deus via um princípio teórico, logicamente demonstrado e comprovado, e de terem negado ao cristianismo a sua essência, “uma comunicação existencial” entre o indivíduo e Deus.

O Cristianismo

Religião e não sistema filosófico, o Cristianismo é mais comunicação do que uma doutrina teórica com dogmas a serem decorados, ou quiçá compreendidos. É para ser vivido, na obediência aos mandamentos e, em primeiro lugar, o do amor ao próximo. Não constitui uma filosofia, que se explica, mas continua a ser, depois de dois mil anos, escândalo para os judeus e loucura para os gregos (isto é, irracionalidade para os filósofos gregos). E o amor que ele ensina, como tudo o mais que é “especificamente cristão” (crístico), é e tem que ser paradoxal (KIERKEGAARD, 2005, p. 10).

O cristianismo enquanto religião do martírio, do encantamento por Deus e pela criação, tem perdido o caráter de mistério. A sua vivência vem se definindo nas modalidades das correntes espirituais egoísticas e individualistas² segundo as novas interpretações da modernidade, há um deslocamento do eixo religioso; com isso, torna-se um rito terapêutico a controlar a ansiedade, a perda de paciência, de modo que, os que o procuram são comumente conduzidos a acreditarem que tudo em suas vidas devem ser tratado de maneira muito intimista; uma relação puramente abstrata que faz da realidade humana uma negação, que tende a distanciar os sujeitos das coisas hodiernas, através de uma transcendência desprovida de significado real. É nesse percurso que a fé é posta como um pressuposto para conhecer Deus³.

² A noção de subjetividade em Kierkegaard não corresponde ao individualismo egoístico, ao isolamento, pelo contrário, trata-se da construção da personalidade humana de cada sujeito que se percebe na sua singularidade, enquanto ser no mundo, mas que se relaciona com o próximo.

³ “*A Fé como pressuposto para conhecer Deus em Kierkegaard*”, foi tema de dissertação de Mestrado, apresentada ao curso do programa de Pós-graduação em Ciências da Religião, da Universidade Católica de Pernambuco, 2019.

Esse deslocamento religioso no contexto da sociedade pós-moderna interpreta a religião pelos paramentos do individualismo e da autossuficiência. Corre o risco de romper a ideia da relação existencial entre os sujeitos. Por isso, no pensamento de Kierkegaard, não há a possibilidade de interpretar esse fato como uma relação saudável, porque subtrai o princípio ético da experiência religiosa. Deus como o Absolutamente-Diferente é o outro que situa o indivíduo pelo compromisso “Tu deves amar”. Se não é introduzido na atitude e não se toma consciência dessa necessidade, então, a relação é apenas uma ideia abstrata.

E assim um homem se compara com o outro, e aquele que compreendeu algo mais do que os outros já acredita ser alguma coisa. Quem dera que, caindo em si, pudesse compreender que diante de Deus ele não é nada. E dado que os homens querem tanto ser alguma coisa, não é de estranhar que eles, por mais que falem do amor de Deus, relutam tanto em se deixar realmente envolver por Ele, porque a exigência e seu critério os reduzem a nada (KIERKEGAARD, 2005, p. 126).

É um cristianismo que nega a realidade, auxiliando-se numa idealização futura, abstrata, mas que exige a realização no aqui e no agora, profundamente imediatista, fazendo do sujeito religioso um estético no modo mais crítico que Kierkegaard descreveu na obra *Temor e Tremor*. Esse homem cristão da contemporaneidade, marcado pelo pluralismo religioso, é conduzido à ânsia de uma teologia abstrata e da prosperidade, das curas e dos milagres; obrigado a fugir da condição de homem real, limitado e carente de coisas e afetos.

O cristianismo compreendido por Kierkegaard é visto não como uma doutrina, mas, uma comunicação existencial, isto é, um encantamento pelos ensinamentos de Cristo, que busca salvar o homem da sua negação social. Contudo, os cristãos de hoje – ou pelo menos boa parte deles, buscam apenas o bem-estar prometido pela teologia da prosperidade, não se recordam do cristianismo vivenciado no martírio, pelo amor ao próximo (*As Obras do Amor*, 2005), antes procuram a prosperidade e o elogio das suas oratórias pronunciadas nos púlpitos eclesiais, “pois Lutero dizia ser preciso pregar nas ruas, mas infelizmente o dizia num púlpito de igreja” (KIERKEGAARD, 2005, p. 10).

É contra essa religião do púlpito, dos altares das igrejas que se aliam ao Estado e partidos, que Kierkegaard descreve a sua crítica religiosa. Pois, na verdade, é um verniz religioso que não causa o desejo de mudança no crente, mas domesticando o fiel, o prende nas suas doutrinas e interesses pessoais, que é apenas de manter a subsistência institucional. Não se prega para libertar e salvar, mas para prender e fidelizar. Analisando os cristãos de cultura e/ou tradição, Kierkegaard procura fazer a sua crítica sobre a ideia de Deus, e de como Ele deve ser crido dentro da religião cristã.

Na concepção kierkegaardiana, o cristianismo não é, pois, relato histórico, mas uma possibilidade que se abre diante de cada indivíduo. O cerne passa a ser a paixão. Alguém pode ser apaixonado e não ser um cristão, tal como Feuerbach, e nem por isso sua paixão terá menos valor. Entretanto, no cristianismo, independentemente da paixão do indivíduo, a verdade do objeto é válida por ele mesmo, pelo Deus que lhe é exterior (PAULA, 2009, p. 28).

O cristianismo apontado por Kierkegaard não é entendido como um fato histórico. Desde que, o indivíduo se relacionar com o cristianismo por meio da fé, sem a necessidade da religião institucional, torna-se uma adesão pessoal, assumindo-a como uma possibilidade aberta a si mesmo, tendo o seu valor em si mesmo, não carecendo das explicações dogmáticas, nem da mediação eclesial. Tal aprendizagem na fé sobre o Cristianismo do Novo Testamento ensina que o Deus com o qual se relaciona é-lhe exterior e interior ao mesmo tempo. Essa dialética relacional indica que Deus é o Outro-Absolutamente-Diferente, por isso é-lhe exterior, como também é interior, pois esse Outro só pode ser alcançado pela interioridade da fé. Isso muda toda a perspectiva da relação e do entendimento humano consigo e com a religião cristã. Não é somente a paixão racional que está a mover a sua intencionalidade, mas a descoberta do Outro que lhe supera nas suas compreensões de si mesmo e do mundo, no descobrimento da paixão paradoxal da fé. Kierkegaard trabalha com palavras contraditórias para expressar a dificuldade da linguagem em dizer quem é Deus.

Quando na religião cristã, especificamente se tratando do luteranismo dinamarquês, entra a noção de absurdo, o desejo do autor de *Temor e Tremor* é mostrar a impossibilidade de falar de Deus como um conhecimento inteligível, objetivado como dado da razão, demonstrado em fatos palpá-

veis, pelo contrário, conhecer Deus é uma ação que acontecerá via a paixão movida pela fé na esfera da subjetividade, que o autor denomina como um salto qualitativo. Quando a inteligência não consegue meter o paradoxo na cabeça, não é ela quem o inventou, mas o paradoxo mesmo, que seria bastante paradoxal para não ter escrúpulos de dizer que a inteligência é tão estúpida, que diante de uma mesma coisa no máximo diz sim e não (KIERKEGAARD, 2008, p. 81).

No pensamento kierkegaardiano Deus está para além do discurso religioso. A linguagem não tem aprimorado a relação entre “eu e Deus”, apenas criado uma atmosfera de recusa ao mundo e uma existência relativa equivocada, semelhante à do movimento monástico⁴, e, ao mesmo tempo, uma certa nostalgia mental. Quando esse autor analisa a linguagem mística na obra *Ou – Ou: um fragmento de vida, segunda parte*, encontra o que identificamos como nostalgia mental, isto porque, trata-se de uma condição fundada no nível metafísico:

Na linguagem do místico, esta relação livre é muitas vezes expressa desta forma: ele é o tu absoluto. O místico escolheu-se a si mesmo em absoluto e, portanto, de acordo com a sua liberdade e, portanto, é *eo ipso* agente, mas a sua ação é uma ação interior. O místico escolhe-se a si mesmo no seu mais completo isolamento, o mundo inteiro está para ele morto e aniquilado, e a alma cansada, não tem de ser mal entendida nem usada erradamente para apoucamento do místico, como se fosse assunto escabroso a alma só escolher Deus quando ficasse cansada do mundo. É indubitável que através desta expressão o místico designa seu arrependimento pelo fato de não ter previamente escolhido Deus, e o seu cansaço não tem de ser considerado como idêntico a estar farto da vida (KIERKEGAARD, 2017, p. 246).

Deus para além da Religião

Na obra *Migalhas Filosóficas*, sobre o pseudônimo de João Climacus, Kierkegaard introduz a noção de Paradoxo e Absurdo para falar de Deus; tenta desconstruir toda a imagem fabricada pelos bispos da Igreja Luterana da Dinamarca a respeito do cristianismo e das falsas testemunhas que

⁴ O equívoco do movimento monástico (abstraindo-se do erro do presumido merecimento) estava em que a interioridade absoluta, provavelmente para demonstrar de forma bem enérgica que existia, adquiriu sua expressão óbvia numa exterioridade específica distinta, por meio da qual esta se torna, contudo, apenas relativamente diferente de todas as outras exterioridades, como quer que seja (KIERKEGAARD, 2016, p. 122).

se elegem como verdadeiros crentes. Essa ideia é encontrada na obra *O Instante*, onde é reelaborada uma severa crítica aos pastores e os seus discursos desencontrados sobre a verdade existente nos Evangelhos. Conhecer o Paradoxo, isto é, Deus, deixa a inteligência numa contradição de si. Para compreender de fato Deus, precisa-se do movimento efetuado pela paixão paradoxal da inteligência; contradição causada quando a paixão se depara com esse Desconhecido, que de fato existe, mas permanece desconhecido e inexistente. Esse Desconhecido, em Kierkegaard, é o Deus como mestre e salvador, o qual não é totalmente compreendido pela paixão da inteligência.

A inteligência não pode ir mais longe: mas o seu sentido de paradoxo leva-a a aproximar-se do obstáculo e a ocupar-se dele; porque, pretende exprimir a sua relação com ele negando a existência daquele desconhecido, não dá certo, visto que o enunciado desta negação envolve precisamente uma relação. Mas o que é então este desconhecido (pois dizer que ele é o deus significa simplesmente que ele é para nós desconhecido)? Enunciando-se sobre ele que é o desconhecido, dado que não se pode conhecê-lo, e que, se mesmo assim se pudesse conhecê-lo, não se poderia enunciar-lo, a paixão não se dará por satisfeita, embora ela tenha captado corretamente o desconhecido como limite: mas o limite é justamente o tormento da paixão, ainda que ao mesmo tempo seu incitamento. E, no entanto ela não consegue ir mais adiante, quer ela arrisque uma saída via negationis, quer via eminentiae (KIERKEGAARD, 2008, p. 71).

O que busca a inteligência racional é romper limites, embora use de malabarismos, na intenção de tornar o Desconhecido um objeto conhecido empiricamente, de modo que, ela seja a suprema compreensão da realidade. Todavia, essa paixão movedora, que a inteligência dispõe em si mesma, é portadora do elemento paradoxal, isto é, tem o seu limite de conhecimento, não dá conta de abarcar o todo da realidade que investiga. Significa dizer que, ao chegar ao limite do conhecimento almejado pela própria inteligência, ela percebe a presença do Paradoxo, do Desconhecido, ficando presa na incognoscibilidade. O Desconhecido tornar-se-á conhecido para logo em seguida voltar a ser novamente desconhecido quando se usa do salto qualitativo da fé.

Essa dialética, Kierkegaard a chame de “*paixão paradoxal da inteligência*”. Esse jogo dialético insere a compreensão do Desconhecido entre o ato cognoscível e a incognoscibilidade, isto é, o pensamento não consegue abarcar toda a contradição que existe, apenas aproximar-se quando o Para-

doxo dá a condição que é a fé, sobretudo, porque, “a própria fé é um milagre, e tudo o que vale para o paradoxo vale também para a fé” (KIERKEGAARD, 2008, p. 95), portanto, não é possível provar a existência de Deus historicamente.

O pensamento se esgota diante do inesgotável⁵, por isso, Kierkegaard propõe a noção de Deus dentro do paradigma do Paradoxo, ou seja, aquele impronunciável totalmente, permanecendo desconhecido no limite entre a verdade e a não-verdade do discípulo. Diante desse paradigma religioso se confrontam o pensador subjetivo e o pensador objetivo nos seus modos existenciais. No cristianismo, segundo Kierkegaard, o discípulo é sempre a condição da não-verdade; para que chegue à verdade em si, é preciso que Deus a possibilite pela condição, isto é, a fé no Paradoxo. Tendo feita a aquisição da fé, o discípulo é questionado a tornar-se cristão segundo o modelo do Cristianismo do Novo Testamento. Nesse estágio religioso são confrontadas as atitudes do indivíduo com aquelas que estão a ser ensinadas nos Textos Sagrados, sem a intervenção manipuladora da instituição, que tenta adoçar os ensinamentos do Cristianismo, interessa-se, agradar uma ala de líderes, que buscar ludibriar a sociedade com falsos testemunhos e com discursos abstratos.

Kierkegaard, por intermédio do seu pseudônimo Clímacus, sugere que se dê a esse desconhecido o nome de “o deus”. Deste modo, Clímacus confessa que Deus não é senão um nome e entende por esse “nome” uma denominação pura e simples para designar “a coisa desconhecida”, “o desconhecido” com o qual se depara o homem, radicalmente não simbolizável. Mas, se Deus é o limite da esfera do conhecido, o além do conhecido, toda a afirmação sobre Deus é nua de sentido. Há coisas que a linguagem não pode dizer e, se mesmo assim a linguagem fala sobre elas, estas se transformam em outra coisa, passando da “existência” à “abstração” do pensamento privado de referências, mas então a linguagem está desconectada do sentido, dado que este só pode ser existencial (FARAGO, 2006, p. 201).

Na perspectiva do *corpus kierkegaardiano*, “Deus não é um nome, mas um conceito” (KIERKEGAARD, 2008, p. 66), que pode ser dito infinitamente, mas isso não oferece nenhum conhecimento definitivo a cerca da verdade que Ele é, apenas especulações, visto que, não pode ser abarcado

⁵ O entendimento conta e reconta, calcula e calcula, mas jamais alcança a certeza que a fé possui; assim também a lei, ela determina e determina, mas nunca chega à soma global que é o amor (KIERKEGAARD, 2005, p. 129).

plenamente pela intelecção, existindo na impossibilidade cognitiva de expressar o ser em geral. Delimita-se a consciência a viver presa no mundo da parcialidade, dos conceitos postulados pela inteligência, “pois os conceitos, assim como os indivíduos, têm a sua história e, tal como eles, não conseguem resistir ao poder do tempo” (KIERKEGAARD, 2005, p. 23). Nesse contexto tem vivido os pregadores da Igreja Luterana da Dinamarca. Todos esses querem se apossar de Deus pelo intelecto⁶, deixando de lado o testemunho de uma vida pautada na ética e na caridade evangélica, apenas buscam falar de Deus em conceitos no intuito de mostrarem-se intelectuais, que tem como finalidade, adquirirem os melhores púlpitos eclesiais oferecidos pelo Estado dinamarquês.

Para Kierkegaard, “o deus”⁷ se desfigura de um conceito, assume a condição de existente encarnado, torna-se outro indivíduo a ser compreendido por outro sujeito na e pela relação no instante. Ele pretende ultrapassar a conceitualização do nome de Deus, levar o homem religioso, como também, a religião, à descoberta da verdade subjetiva para conhecer Deus, diferente do que a filosofia alemã postulava. Para “Hegel o pensamento não precisa ser interrogado desde fora; pois este pergunta e responde a si mesmo” (KIERKEGAARD, 2005, p. 41). O “objeto é uma divergência a ser ajustada entre aquele que pergunta e aquele que responde e o desenvolvimento do pensamento se consuma neste passo alternado (alternos pede), neste claudicar de ambos os lados” (KIERKEGAARD, 2005, p. 41).

Enquanto a religião cristã dinamarquesa estava presa nas categorias do pensamento, sempre perguntando e afirmando quem é Deus, as suas réplicas não respondiam à identidade do indivíduo, este continuava a sentir-se desamparado, as suas dores e angústias não encontravam entendimento nas construções metafísicas da teologia vigente. O cristianismo estava longe dos anseios de cada sujeito, preso na coletividade institucional gerenciada pelos

⁶ Deus é imutável. Na sua onipotência, ele criou este mundo visível – e se fez invisível. Ele vestiu-se no invisível mundo como que com uma roupa – ele mesmo imutável. Assim é no mundo das coisas sensíveis. No mundo dos eventos, ele está presente em toda a parte e em todo o momento; em um sentido mais verdadeiro do que podemos dizer da mais atenta justiça humana que está em todos os lugares (PAULA apud KIERKEGAARD, 2000, p.134).

⁷ Para não usar o nome “Cristo”, Kierkegaard usa a expressão “o deus”, ao mesmo tempo, refere-se à encarnação de Deus na história da humanidade (grifo nosso).

bispos, tornava-se uma metáfora, um sistema de sustentabilidade intencional que mantinha os interesses hierárquicos da classe dominante, essa mesma gerava uma dependência da grande massa dos fiéis, os quais não interrogavam a igreja estatal. Ao levantar a voz crítica, Kierkegaard vai minar as estruturas dessas instituições e o arcabouço intelectual predominante na academia dinamarquesa. “A felicidade da fé, ao contrário, está nisso, que Deus é amor. Daí não se segue que a fé compreenda de que modo o desígnio de Deus para com um ser humano é amor. Aqui está justamente o combate da fé: crer sem poder compreender” (KIERKEGAARD, 2018, p. 138).

Sendo do “*período pós-hegeliano*”, Kierkegaard ao utiliza-se das expressões Paradoxo ou Absurdo está se referindo ao “deus”, o escândalo para judeus e a loucura para os gregos. Está desse modo, criticando todo o discurso racional que adentrou a Igreja Luterana. Essa predominância entre os pastores, vistos como funcionários do Estado, tem causado uma letargia da fé. Está em cheque a fé no Cristianismo do Novo Testamento, para dá espaço à obediência àqueles que são as autoridades instituídas pelos ritos religiosos.

Se o que o Cristianismo do Novo Testamento queria era: honestidade e sinceridade, fora com a enganação – a mudança que foi produzida é esta: a enganação continua exatamente como o paganismo, “Cada um” (cristão!) “é ladrão em seu ofício”, mas a enganação assumiu o predicado “cristão”, passou a ser enganação “cristã” – e o “pastor” abençoa essa sociedade cristã, esse Estado cristão, onde a gente engana como no paganismo e, também, ao pagar o “pastor”, portanto, o maior dos enganadores, engana-se a si mesmos tomando isso por Cristianismo (KIERKEGAARD, 2019, p. 119).

O Deus do Cristianismo do Novo Testamento é escândalo, loucura revelando-se dentro de uma relação paradoxal, é atingido na compreensão cristã quando essa condição é vivenciada pelo homem crístico. A sociedade cristã, o Estado cristão tem burlado tal religião, introduzindo uma mudança de eixo, ao nível de um *status* social sem implicação que deveria gerar em cada sujeito o desejo de tornar-se cristão por adesão e vivência de um testemunho arraigado na relação ética e responsável pelo Outro-Absolutamente-Diferente, mas promovendo barganhas internas, os institucionalizadores trocam interesses em função de títulos e posições.

Na obra *Temor e Tremor*, o autor pseudonímico revisita o problema de Abraão e sua relação com o filho Isaac, Johannes de Silentio, discute uma questão de caráter teleológica, trata dos fins necessários, dos propósitos do ato de ser no mundo. Essa situação não é apenas o “estar aí”, mas tomando consciência de si, investe numa decisão absoluta. As barganhas perdem interesses, as posições não importam, mas na construção de uma identidade consciente de si, trabalha-se com os interesses edificantes da personalidade, que visa tornar-se um autêntico cristão. Tal movimento interior não é discursivo, mas um paradoxo existencial. Essa dupla categoria Paradoxo/Absurdo na relação da fé estabelece, ao mesmo tempo, o diálogo com Deus, que ultrapassa todo o racionalismo e as suas categorias da aquisição do conhecimento, como também, a edificação da existência, que é um problema em si mesma, vindo a ser investigada interiormente, pois tem o seu fim em si mesma, dada na condição da fé relevada no modo como Deus ama o ser humano.

Afirma Kierkegaard em *O Matrimônio*:

Quando declaro que Deus é incompreensível, minha alma se eleva ao Todo Poderoso, e o afirmo nos momentos de felicidade suprema, posto que é incompreensível, porque o é seu amor, e porque seu amor excede a todo o entendimento. Aplicada a Deus, esta palavra, incompreensível designa a perfeição suprema; ao contrário, se a aplicamos ao homem revela sempre um defeito, e, às vezes, um pecado (KIERKEGAARD, 1969, p. 16).

Deus, isto é, o Absoluto como Desconhecido, o Incompreensível nos remete ao paradoxo que afronta o intelecto no limite presente no pensamento. O cristianismo luterano almejou tirar esse paradoxo, e introduzir um dado fenomenológico historicamente comprovado via, interpretações sistemáticas dentro da sua teologia universitária. Assim, com a autoridade eclesástica provando Deus como fato, um sistema teológico, então, todo o poder fundamenta-se numa prova construída pela hierarquia, e essa não se preocupa com a verdade presente no Cristianismo do Novo Testamento, mas em manter-se detentora da sua pseudoverdade estabelecida em cânones jurídicos.

Dizer que Deus é o Desconhecido que toca o tempo, é afirmar que Ele toca num instante enquanto acontecimento único a realidade humana. A

sua encarnação vista como manifestação, implica para o sujeito uma primeira percepção imediata e um conhecimento imediato que o afeta num dado instante em que Ele se encarna como “o deus”. Dessa forma, Kierkegaard busca mostrar a impossibilidade de traduzir o cristianismo em relatos históricos ou de ser tratado como uma filosofia da religião, como também demonstra ser uma tentativa fracassada fazer de Deus uma ideia abstrata, uma dúvida hiperbólica, ou simplesmente querer dar provas da existência de Deus.

O intelecto pode pensar o infinito, mas não o “absurdo”, porque é absurdo para o pensamento, constitutivamente intranscendível, predispor-se ao encontro com aquilo que o transcende, mas que, ao mesmo tempo, o salva da indiferença por si mesmo. Enquanto o infinito do intelecto distrai o existente do seu próprio existir, o absurdo da fé tudo redime, consentindo que ele faça de sua mesma existência uma “nova criação”. “Pelo absurdo”, o cavaleiro da fé sabe se mover no mundo com a segurança de quem controla perfeitamente as próprias forças (REGINA, 2016, p.74).

A fé pode ser objeto do entendimento enquanto conceito, isto é, objeto da dúvida, mas enquanto verdade paradoxal só pode ser vivida e crida, pois sendo o oposto da dúvida, ela é a exigência última da determinação da formação da personalidade do crente.

A fé é o oposto da dúvida. Fé e dúvida não são duas espécies de conhecimento que se deixam determinar no prolongamento uma da outra; pois nenhuma das duas é um ato de conhecimento, e elas são paixões opostas. A fé é o sentido que capta o devir, e a dúvida, o protesto contra toda conclusão que quer ir além da percepção imediata e do conhecimento imediato. O duvidador não nega, por exemplo, sua própria existência, mas não conclui nada; pois não quer ser iludido (KIERKEGAARD, 2008, p. 123).

O Cristianismo quer apenas revelar, no contexto da fé, uma verdade que seja válida para a interioridade do ser humano, e que está seja-lhe a causa pela qual ele possa existir enquanto consciência de si e responsabilidade pelo outro. “A verdade – nas palavras de Kierkegaard – não era introduzida de fora no indivíduo, mas estava dentro dele” (GARDINER, 2001, p. 79). Ela é encontrada no momento da escolha, quando o ser humano elege a si mesmo numa responsabilidade ética, num compromisso religioso inerente ao seu ser no mundo, que o coloca numa situação perante o Outro-Absolutamente-Diferente. Essa compreensão também foi percebida na obra intitulada-

da, *Soren Kierkegaard: Subjetividade, Ironia e a Crise da Modernidade*. Ela afirma:

Kierkegaard queria evitar dar a impressão de que ele pretendia ensinar as pessoas, e de que elas só precisavam seguir suas instruções. Acreditava que o cristianismo só tinha sentido se o próprio crente tivesse uma experiência com ele. Portanto, uma crença vicária baseada somente na autoridade dos ensinamentos de outra pessoa era insuficiente e até mesmo enganadora. Em vez disso, Kierkegaard insistia que o cristianismo se refere totalmente a uma relação interior de cada indivíduo, e seu objetivo, então, era ajudar as pessoas a encontrar essa relação em si mesmas. Portanto, assim como Sócrates, Kierkegaard acreditava que ele poderia facilitar esse encontro, mas, em última instância, era a outra pessoa quem estaria tendo o trabalho de descobrir a verdade, ou a relação interior, por si mesma (STEWART, 2017, p. 38).

Deus é a verdade subjetiva no indivíduo, a qual se pressupõe ser adquirida na relação interior de cada sujeito, não vislumbrando interferências objetivas para alcançar essa finalidade, senão a fé revelada pelo Cristianismo do Novo Testamento. Essa verdade é dada na esfera do imediatismo, ou seja, quando “o deus” entra no tempo, este tocado num instante presente, isto é, transforma-se na plenitude dos tempos, visto que o Deus criador assume a condição humana, encarnando-se.

Um tal instante tem uma natureza própria. Sem dúvida é breve e temporal como o é todo instante, passando, como todos os outros, ao instante seguinte, e, no entanto é o decisivo, pleno de eternidade. Um tal instante deve ter com efeito um nome especial; vamos chamá-lo: plenitude dos tempos (KIERKEGAARD, 2008, p. 38).

Em Kierkegaard compreendemos que o Absurdo é a entrada de Deus na história, isto é, o tempo é tocado pela eternidade, “o Verbo se fez Carne”⁸. O Absurdo é manifestado quando a verdade eterna entra no tempo pela categoria do instante. Poderíamos chamar esse evento de epifania do Paradoxo. Que Este tenha aparecido, como também nascido e crescido, ou seja, feito carne do mesmo modo que o homem, podendo ser distinguido de outro sujeito, eis o Absurdo, o Paradoxo, em outras palavras, escândalo e loucura para a racionalidade.

Por não se adequar às categorias lógicas, é aceite como paradigma metafórico de uma linguagem mitológica. É contraditório sim, ter um Deus

⁸ Cf. João 1,1 – 18.

que se manifeste no tempo como homem, que tenha aparecido, nascido e crescido. Kierkegaard concebe Deus como sendo um indivíduo subjetivo, a condição existencial que eleva o sujeito à sua mais profunda transformação e edificação da sua identidade humana. Para ele, Deus é a verdade como manifestação de si mesmo. Ele atua no sujeito não por uma transferência metafísica, mas espontaneamente se move pelo amor eterno em si mesmo.

Mas o deus não precisa de nenhum discípulo para compreender-se a si mesmo; e assim nenhuma ocasião pode agir sobre ele de modo a equivalerem ocasião e decisão. Que é que pode, então, movê-lo a apresentar-se? Ele tem de mover-se a si mesmo e continuar sendo o que Aristóteles diz dele: “Sem mover-se move tudo”... Porém se ele se move, então não é uma necessidade que o faz mover-se, assim como se não pudesse suportar o silêncio, mas precisasse irromper na palavra. Mas se não é por necessidade que se move, o que é que o move, o que será, senão o amor? Pois o amor justamente não tem a satisfação do desejo fora dele, mas em si mesmo. Sua decisão, que não entretém uma relação recíproca direta com a ocasião, deve existir desde toda a eternidade, embora, realizando-se no tempo, ela se torne justamente o instante, pois aí onde a ocasião e o ocasionado se correspondem diretamente, exatamente como no deserto a resposta ao grito, aí o instante não aparece, porém a reminiscência o engole em sua eternidade. O instante vem à luz justamente pela relação da decisão eterna para com a ocasião que lhe é desigual. Se não for assim desta maneira, recairemos no socrático e então não alcançaremos o deus, nem a decisão eterna, nem o instante (KIERKEGAARD, 2008, p. 46).

Ao apresenta a ideia da imutabilidade de Deus, Kierkegaard dizendo da impossibilidade de conhecer Deus por conceitos científicos ou dogmas religiosos. Se houvesse a mutabilidade de Deus, deixaria de existir o paradoxo e o absurdo em que a fé acredita e postula como verdade interior. A verdade que está descrita no Cristianismo do Novo Testamento, e que continua oculto na religião institucional, é justamente a presença irrevogável do amor. Esse amor se torna justamente um instante porque se manifesta no tempo quando ama o outro, o seu desejo não subtrai outra realidade, mas vive em si mesmo a sua única realidade temporal que é expressar-se como amor em tempo integral. Seu objeto é o próprio amor, não o outro enquanto necessidade alheia, mas o outro enquanto condição de amar sem ser algo alheio, mas como tarefa única do amor. Por isso, o Cristianismo do Novo Testamento, na perspectiva de Kierkegaard, não é encontrado dentro da instituição, mas essa construiu as suas colunas templárias sufocando a verdade,

e implantando o comércio religioso-estatal. Deus se esconde entre as colunas do tempo e do templo. Não se consegue ver o altar ou a mesa da palavra sagrada, apenas se contempla o circo montado por meia dúzia de sofistas religiosos, fantasiando a fé e ludibriando para que não se tenha acesso à vida em plenitude.

Considerações finais

Em Kierkegaard, a noção de Deus é mais que um conceito ou dogmas religiosos, é uma experiência de fé vivida e crida na cotidianidade das coisas e das experiências humanas, que está além da religião institucional. É um encantamento com a própria vida. Há de se concordar com Kierkegaard, o cristianismo deve ser transmitido e vivido na perspectiva de uma experiência existencial; capaz de produzir no indivíduo uma relação concreta com Deus sem os intermédios eclesiásticos. O Cristianismo do Novo Testamento não é resumo das interpretações da hierarquia.

Os títulos eclesiásticos mais afastam do que aproximam os fiéis. Quando se invertem os valores e fé, cria-se a submissão aos dogmas, relegando a autoridade do Evangelho e transferindo-a a instituição. Troca-se a liberdade, passa-se a investir na obediência à autoridade, que muitas das vezes oprime a consciência individual, tornando-a um objeto de manipulação social. Kierkegaard é dos autores que consegue a sua liberdade de consciência, propõe um cristianismo baseado na prática do princípio ético e misericordioso, e não nos sermões apologéticos do luteranismo estatal.

Referências

FARAGO, France. *Compreender Kierkegaard*. Trad. Ephaim F. Alves. Petrópolis: Vozes, 2006.

GARDINER, Patrick. *Kierkegaard*. Trad. Antônio Carlos Vilela. São Paulo: Loyola, 2001.

KIERKEGAARD, Soren. *As Obras do Amor*. Trad. Álvaro L. M. Valls. Bragança Paulista: Ed. Universitária São Francisco; Petrópolis: Vozes, 2005.

KIERKEGAARD, Soren. *Discursos Edificantes em Diversos Espíritos – 1847*. Trad. Álvaro L. M. Valls e Else Hagelund. São Paulo: Editora Libe-rArs, 2018.

KIERKEGAARD, Soren. *Migalhas Filosóficas ou um Bocadinho de Filoso-fia de João Clímacus*. Trad. Ernani Reichmann e Álvaro L. M. Valls. 2ª edi-ção. Petrópolis: Vozes, 2008.

KIERKEGAARD, Soren. *O Conceito de Ironia Constantemente Referido a Sócrates*. Trad. Álvaro L. M. Valls. 2ª edição. Bragança Paulista: Ed. Uni-versitária São Francisco, 2005.

KIERKEGAARD, Soren. *O Instante*. Trad. Álvaro L. M. Valls e Márcio Gi-menes de Paula. São Paulo: Editora LierArs, 2019.

KIERKEGAARD, Soren. *O Matrimônio*. Trad. Rodolfo Konder. Rio de Ja-neiro: Laemmert S.A, 1969.

KIERKEGAARD, Soren. *Ou – Ou: um fragmento de vida (segunda parte)*. Trad. Elisabete M. de Sousa. Lisboa: Relógio D'Água, 2017.

KIERKEGAARD, Soren. *Pós-Escrito Conclusivo não Científico às Miga-lhas Filosóficas, Vol. I*. Trad. Álvaro L. M. Valls e Marília Murta de Almei-da. Bragança Paulista: Ed. Universitária São Francisco; Petrópolis: Vozes, 2013.

KIERKEGAARD, Soren. *Pós-Escrito Conclusivo não Científico às Miga-lhas Filosóficas, Vol. II*. Trad. Álvaro L. M. Valls e Marília Murta de Almei-da. Bragança Paulista: Ed. Universitária São Francisco; Petrópolis: Vozes, 2016.

KIERKEGAARD, Soren. *Temor e Tremor*. Trad. Maria José Marinho. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

PAULA, Márcio Gímenes de. *Indivíduo e Comunidade na Filosofia de Ki-erkegaard*. São Paulo: Paulus, 2009.

REGINA, Humberto (2016). *Kierkegaard*. Trad. Alessandra Siedschlag. São Paulo: Ideias e Letras.

SILVA, Adenilton Moises da. *A Fé como Pressuposto para conhecer Deus em Kierkegaard*. 151f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião), Programa de Ciências da Religião – Universidade Católica de Pernambuco. Recife, 2019.

STEWART, Jon. *Soren Kierkegaard: subjetividade, ironia e a crise da mo-dernidade*. Trad. Humberto Araújo Quaglio de Souza. Petrópolis: Ed. Vozes, 2017.